

Diário da maçaneta

Marcelo Dacosta

Terça-feira, 05 de fevereiro de 1918

No meio da manhã, ele apareceu novamente. A palma da mão grossa, o aperto firme, mas o giro lento, delicado, como se, na verdade, não quisesse que no fim daquele “um quarto de volta” a porta se abrisse, entrar no apartamento sem que ninguém ouvisse, na surdina. Foi em vão, o apartamento estava trancado e vazio, viagem perdida. Senti, pela primeira vez, aqueles pelos grossos e desgrenhados da sua grande e volumosa sobancelha rasparem de leve na minha, face enquanto ele tentava olhar pelo buraco da fechadura.

Quarta-feira, 06 de fevereiro de 1918

Apenas três dedos. Apoiava o dedão firmemente na minha lateral, (se é que dá para chamar de lateral minhas bordas de formato esférico só que bastante achatado), e com as pontas do indicador e dedo médio me rodava com dificuldade até ouvir aquele clique. Achava graça que não usasse a mão inteira, demorava o dobro do tempo. Por vezes um dos dedos escorregava e aí começava tudo de novo. Penso que ele tem nojo de mim, não propriamente de mim, mas do suor, da sujeira e da gordura das muitas mãos que já haviam me tocado.

Quinta-feira, 07 de fevereiro de 1918

Hoje o dia foi agitado, estou exausta, nauseada, muitas mãos, muito suor. Não é simples compreender uma pessoa, imagine apenas com o tato, um toque, no máximo dois segundos e, pronto, todas as informações estão lá. Foi um entra e sai do começo da manhã até o final da tarde. São homens



interessantes, não posso negar. Pintores, escritores, jornalistas, poetas – na realidade, alguns são bem chatos –, o que me encanta neles é essa vontade, uma ânsia pelo novo, a percepção de que tudo que acontece nesse país é antiquado, *démodé* e querer virar as costas para tudo isso. Criar algo novo através da arte, que seja verdadeiramente brasileiro, recuperando uma história que foi apagada, destruída, massacrada pelos colonizadores... “construir sobre ruínas”.

Mas o que me alegrou hoje mesmo foi ela, quando ela me toca é diferente, não tem essa excitação desesperada, tipo “dedo no gatilho” dos homens. É mais uma sensação libertadora, de sentir que entrando ali, naquele apartamento, ela poderá ser ela mesma, sem máscaras: falar e beber e comer e trepar e bater e gritar e gritar e gritar... quando a palma da sua mão me toca ganho o dia!

